

O TEOR DAS HISTÓRIAS INFANTIS PARA A CONSTRUÇÃO DO INTELLECTO DA CRIANÇA

Autora: *SÔNIA RONILDA DE SALES DUTRA, artedesonia@gmail.com*
UNIVERSIDAD DE LA INTEGRACIÓN DE LAS AMÉRICAS

Co-autor (1): Cleoneide Moura do Nascimento
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS – CESREI, cleopsyque@gmail.com

Co-autor (2): Faruk Maracajá Napy Charara
UNIVERSIDAD DE LA INTEGRACIÓN DE LAS AMÉRICAS, napy@oi.com.br

RESUMO: quando uma criança em idade escolar ouve ou ler uma história, ela se adentra num universo particular e encantador. Para isso, é necessário que o contexto exponha uma narrativa repleta ou não de surpresas, mistérios e magia. Para tal, o contexto deve apresentar algo que traga diversão e ensinamento, além de despertar o interesse da criança, possa estimular a sua curiosidade e conseqüentemente a sua criatividade. A partir da interação lúdica e prazerosa da criança em relação à história narrada, poderá haver também uma enorme possibilidade de que num aspecto geral, podem suscitar a formação tanto de bons leitores quanto de excelentes escritores. Ao explorar a fantasia e a imaginação de uma criança, através de uma história contada pelo professor, instiga-se todo um universo criativo, além de fortalecer a interação entre a trama do texto, os personagens e o leitor. Quem saudosamente não se lembra das tantas histórias lidas e ouvidas quando crianças? Das inúmeras historinhas contadas por alguns pais, ao pé da cama antes de dormir? Ou aquela história narrada e interpretada pela professora nas primeiras séries do ensino fundamental? No entanto, se faz necessário que o professor se utilize dessa ferramenta para estimular a imaginação da criança e levá-la a descobrir a beleza, a fantasia e o lúdico, existentes numa história. O ato de contar de história pode ser um subterfúgio muito relevante para a formação da criança garantindo-se, dessa forma, melhorar o processo educacional sob uma perspectiva que valorize a construção de sujeitos críticos e reflexivos.

Palavras chaves: criatividade; fantasia; imaginação; lúdico; formação

INTRODUÇÃO

Assevera-se que para a formação e desenvolvimento intelectual da criança em idade escolar, é preciso frisar um aspecto de suma importância que auxilia na interação da criança com a literatura, está na riqueza de algumas características formativas nela apresentadas de maneira fantástica, lúdica e simbólica. A arte de contar histórias é uma prática milenar e pelo que se sabe teve início desde em tempos remotos da humanidade por meio da tradição oral.

Quando, através dos vários processos pedagógicos convenientes é perceptível uma intensificação de uma maior interação, meio pelo qual pode levar a criança a um melhor entendimento do texto e a uma melhor compreensão e abrangência do contexto. Ao contar uma história divulga através da literatura uma realidade de maneira inusitada e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto.

Nesse aspecto a literatura infantil não pode ser utilizada apenas como uma sendo um aparente imaginário para disfarçar um real motivo da ação do contexto da história, porém deve ser uma maneira objetiva para ensinar literatura e para incentivar à formação do hábito de ler.

O hábito de contar histórias deve funcionar como um objeto mediador para o saber, portanto, é necessário fomentar algumas relações entre teoria e prática que possibilite ao contador atingir determinadas finalidades educativas. Nesse caso, essa metodologia deve ser baseada num ensino por projetos, o que tem possibilitado e evidenciado excelentes resultados no ensino e aprendizagem de crianças na fase inicial de sua vida escolar.

Ao ouvir uma história, empiricamente a criança tende a observar sua herança social simbólica e também examina a realidade de uma determinada sociedade, pois passa a perceber que existem as diversidades, passando a respeitá-las e aceitando o seu lugar na vida familiar e social. Além do mais há que se verificar que as histórias, quando narradas oralmente, podem trazer grande contribuição, de maneira essencial e fundamental para a formação do aluno como leitor e, conseqüentemente um cidadão ciente de seus direitos e deveres.

Qualquer que seja o tipo de história, mesmo sendo muito simples, envolve significativamente a criança e pode transmitir algo muito valioso que melhora significativamente, de maneira criativa e reflexiva, o seu processo de desenvolvimento, pois ajuda a descobrir extraordinariamente toda uma riqueza quanto aos detalhes da trama.

No entanto, o contador deve ser o mais convincente que puder; argumentar bem ao contar a história e ser aquele que mostre a magia que há por trás da história, de maneira que as palavras possam penetrar para desenvolver a comunicação oral da criança.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo proporcionar meios pelos quais os alunos possam se interessar, descobrindo o gosto pela leitura, colocando-os em contato com os vários gêneros textuais, além de ler e produzir textos, desenvolver a prática da linguagem oral com autonomia, criando iniciativa para produzir suas próprias histórias e recontá-las em salas de aula ou outros lugares quando solicitados.

OBJETIVO

Oportunizar e proporcionar meios pelos quais os alunos possam se interessar, descobrindo o gosto pela leitura, colocando-os em contato com os vários gêneros textuais, além de ler e produzir textos desenvolver a prática da linguagem oral com autonomia, criando

iniciativa para produzir suas próprias histórias e recontá-las em salas de aula ou outros lugares quando solicitados.

JUSTIFICATIVA

Na tentativa de justificar a nobre atividade do contador de história, é preciso afirmar que o ato de contar histórias sempre foi e será uma atividade de grande relevância no cotidiano escolar, embora não muito difundido, mesmo sabendo que existe um variado número de instituições de ensino fundamental no município. Em parte, as alusões referendadas neste artigo, se deram a partir da vivência e da experiência da autora deste projeto como contadora de histórias para alunos do ensino fundamental menor na escola CEAI Governador Antonio Mariz da rede municipal da Cidade Campina Grande-PB.

É necessário frisar que para a função de contar histórias é preciso que haja um ambiente próprio onde o contador e os ouvintes se sintam à vontade. Dessa maneira, almeja-se elucidar questões importantes no campo educativo, trazendo ao aluno algumas situações e contextos que lhes são familiares, pois é preciso dar continuidade para que essa atividade tão relevante no enriquecimento intelectual da criança não se perca no tempo.

Com base nas histórias contadas em anos anteriores pelo professor, a narrativa servia apenas como um texto explicativo. Nos dias atuais, pode-se afirmar que o contador de histórias se utiliza desse recurso como um meio muito importante para que o ouvinte que é a criança compreenda o conteúdo do texto através de teatralização com bonecos, marionetes, gestos, entonação de voz e outros atrativos que enriquecem a narrativa do texto, atraindo a atenção da criança para que ela possa se adentrar no universo da imaginação.

Nesse caso, justifica-se que o resultado dessa sublime atividade tem contribuído para o aumento de pequenos leitores pelo simples fato que além de conhecer a obra, ele pode se tornar fluente na leitura, na comunicação, no diálogo, na teatralização e, portanto, o aluno tem o interesse de ir à biblioteca da escola cuja finalidade é conhecer os autores e suas obras literárias, além de levar para casa na intenção de mostrar aos familiares, a importância dos livros. Esse interesse se dá pela maneira que o contador de história expõe o conteúdo lido.

REFERENCIAL TEÓRICO

A magia e a riqueza de minudências contidas nas histórias infantis, bem como as particularidades cênicas e lúdicas repassadas pelo contador de histórias à criança, apontam uma série de vantagens que podem auxiliar na formação não só do intelecto, também pode

auxiliar tanto no desenvolvimento quanto na interação com outras crianças, sobretudo faz com que a criança passe a ter um melhor relacionamento no ambiente escolar e familiar (VIGOTSKII, 1998, p. 191).

Ao ouvir ou ler uma determinada história, a criança passa a se envolver com os elementos da narrativa, ou seja, para ela o enredo se transforma num instante tanto de introspecção quanto de seriedade, ou mesmo de alegria. Nessa perspectiva, se evidencia que o ato de ouvir uma história passa a ter um elo com o aprendizado, nesse aspecto, a criança precisa se inserir no contexto social, pois ao contrário perde o sentido e toda a motivação para desenvolver o conhecimento para vivê-lo em sua intensidade (VIGOTSKII, 1998, p. 191).

De acordo com Abramovich (1997, p. 37) a criança não só é capaz de imaginar, também possui a habilidade para perceber e entender o teor e o valor das histórias narradas pelo contador de histórias, mesmo que o teor narrado seja fictício, pelo simples fato de que ela, a criança, passa a se imaginar dentro dessa narrativa, pois a partir do contexto de algumas histórias se torna possível a transferência de valiosas informações que, sem dúvidas, podem levar a criança a se envolver emocionalmente com os personagens do texto.

Quando o professor abraça a função de contador de histórias, ele se transforma num agente espalhador de emoções, magia e beleza, portanto, além de um profissional que trabalha para desenvolver o intelecto de crianças em idade escolar é o mediador entre a criança e a história. As histórias sempre cumpriram e ainda cumprem funções significativas que contribuem para o processo de desenvolvimento da criança, despertando nela todo um processo imaginativo (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Dessa forma, a literatura infantil tanto no passado quanto no presente teve e sempre terá um significado muito importante para que a criança possa interagir socialmente e individualmente, respeitando o espaço de outra criança. Quando ela se depara com os elementos existentes no contexto de uma história, passa a compreender que não existe apenas o seu universo há também o universo de outras crianças (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Não se pode afirmar que no processo de educação infantil só quem pode decodificar a mensagem descrita nas histórias infantis é aquele que já sabe ler ou quem já conhece as letras, pode ser uma certificação de que basta apenas misturar frases para que de alguma forma seja possível trazer significados, pois tal afirmação parece ser um tanto quanto desnecessária (KATO, 1999, p. 14).

No entanto, é necessário asseverar com muita convicção que a leitura pode ser uma atividade realizada conjuntamente ou individualmente em que a criança pode seguir o leitor observando-o atentamente na leitura. Também é possível por meio das ilustrações, de uma

narrativa descrita em livros, ou simplesmente quando a criança ouve uma história (KATO, 1999, p. 14).

O importante mesmo é que o contador de histórias seja aquele professor que se utiliza das tantas informações presentes nos contextos como os recursos visuais que possam trazer subsídios para despertar a criança para o contato com os livros. De acordo com Kato (1999, p. 14) é preciso destacar que “os primeiros contatos da criança com textos ilustrados, a criança ainda não diferencia da função do texto a da figura, achando que esta última também é lida”.

Na afirmação de Busatto (2003) na história da humanidade, existe a presença de registros bastante antigos já encontrados, percebendo-se, dessa maneira, a relevância da oralidade na vida das pessoas desde os tempos mais primitivos até os dias atuais. Isso prova a notabilidade e a necessidade, bem como o desejo de comunicação entre humanos, entendendo-se, dessa maneira, como um processo fundamental à continuidade da contação de histórias, em especial para a criança em idade escolar na atualidade. Mesmo sabendo que à medida que o tempo passa, os contos sofram algumas modificações através das influências da contemporaneidade, é preciso preservar a essência e o poder da palavra em encantar as pessoas.

Na compreensão de Busatto (2003, p. 20):

“O conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias” (BUSATTO, 2003: 20).

De acordo com a autora acima citada, uma das intenções das histórias narradas oralmente, tinha como base compreender os mistérios que envolviam o surgimento do homem, os fenômenos físicos da natureza, como explicar os elementos terra, fogo, água e ar, o brilho do sol durante o dia e da lua durante a noite e de onde e como surgiu a vida na terra.

Tais fatos também podem ser observados nas histórias infantis atuais como é o caso das lendas brasileiras do ‘Saci pererê’, ‘Comadre fulozinha’, ‘Boitatá’, ‘Curupira’, ‘A mula-sem-cabeça’, ‘Iara’; entre tantas outras que mesmo sendo personagens fictícios, levam a criança a se adentrar no universo imaginativo e, a partir de então, ela seja capaz de criar as suas próprias histórias (SISTO, 2004).

Nos dias atuais, a criança vive embrenhada num cotidiano tecnológico, repleto de imagens eletrônicas e virtualidades, portanto, é uma realidade na qual não há espaço para que algumas crianças sejam estimuladas a ouvir ou ler a literatura infantil descritas em livros ou a narração oral, no entanto, percebe-se que somente há interatividade no espaço virtual,

dividindo apenas o espaço com as novas tecnologias de comunicação e entretenimento através do computador, pela Internet, CDROM, DVD-ROM, e-book, entre outras mídias digitais (BUSATTO, 2003: 20).

Nos livros nos quais estão as histórias que o contador narra o enredo aos seus ouvintes, ele se torna um instrumento extremamente necessário para o desenvolvimento da trama e da narrativa. O contador de histórias precisa ter uma boa base e conhecimento sobre a história que pretende contar para seus alunos, pelo simples fato de que ele precisa ter subsídios para auxiliar no manuseio dos personagens (SISTO, 2004).

Para ser um bom contador de história é preciso ter desenvoltura; boa dicção; poder de persuasão; controle emocional e de sala; uma boa pitada de humor; verve poética e improvisação; ter conhecimento básico de música e expressão corporal, pois tais elementos contagiam emocionalmente a criança quando ela enquanto expectadora passa a incorporar a leitura se imaginando nos personagens ou mesmo na situação textual (SISTO, 2004).

É muito relevante que o contador de histórias disponha em seu acervo de uma boa quantidade de textos, pelo simples fato de que a criança já possa conhecer sobre a obra fictícia escolhida pelo contador de história. Outro fator de grande relevância se encerra na perspectiva em afirmar que para ser um bom contador de história se torna viável que pelos menos ele possa recorrer semanalmente a uma variedade de textos, com a intenção de se apropriar e se aprimorar em diversos conhecimentos literários, ou seja, poesias, contos, etc. (BUSATTO, 2003: 20).

Outro aspecto bastante relevante está em saber que o livro é uma ferramenta muito importante, um coadjuvante na arte de contar história, porém na ausência dele, o contador deve estar preparado para criar o seu texto a partir do conhecimento empírico, contanto que a criança encontre no contador subsídios para enriquecer o senso em relação ao fato narrado, levando em conta que ela, a criança, possa se apaixonar pela arte do contador e, posteriormente possa aperfeiçoar seus modos de ver o que acontece ao seu redor para manter laços de boa convivência em casa, na escola e demais grupos nos quais possa se inserir (KATO, 1999, p. 14).

As atividades de contação de histórias podem ser direcionadas a várias modalidades literárias e artísticas como: peça teatral, cortejo literário, roda de leitura, ilustrações individuais ou em grupos, saraus, entre outros, porém o que leva a criança se envolver mais é sem dúvida, é a contação de histórias, pois especificamente a criança se torna capaz reproduzir o teor do texto, mesmo que acrescentando alguns fatos a mais (BUSATTO, 2003: 20).

Já em relação à prosódia, ocorre que há uma aproximação quase que física dos personagens do texto como: bichos, pessoas, monstros, bruxas, etc., em que a criança, além de incorporar os personagens, ela se adentra na caverna do imaginário e por um instante deduz estar no ambiente onde ocorre a história, pois é através da riqueza de minudências que a história se torna instigante em relação aos participantes (BUSATTO, 2003: 20).

Na bela história ‘Menina bonita do laço de fita’, da escritora carioca Ana Maria Machado quando o(a) contador(a) de história faz a leitura do texto para seus alunos, observa-se todo um mistério do coelho, que é branco, um encantamento pela menina bonita que é pretinha.

[...]

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, daquelas bem brilhantes.

Os cabelos enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite.

A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera negra na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

Do lado da casa dela, morava um coelho branco, de orelha cor de rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina, a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava:

– Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela.

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

– Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

– Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina.

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente.

Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

– Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

– Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi.

Mas não ficou nada preto. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

– Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

– Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.

Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

– Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

– Artes de uma avó preta que ela tinha.

Aí o coelho – que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito.

Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais!

Tinha coelhos de todas as cores: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.

Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía, de laço colorido no pescoço, sempre encontrava alguém que perguntava:

– Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

E ela respondia:

– Conselhos da mãe da minha madrinha (MACHADO, 2011).

A narrativa da história da autora acima citada versa sobre uma menina negra e muito graciosa que, costumeiramente a sua mãe enfeitava seu cabelo com tranças amarradas com laços de fitas bem coloridas. Observa-se que na história a menina, por ser negra, não sofria nenhum tipo de discriminação racial, como sofrem atualmente algumas pessoas de origem negra.

A personagem tinha como amigo um coelho bem branquinho que mantinha verdadeira veneração por ela. Porém o coelho insistia sempre, perguntando qual seria o segredo dela ser tão pretinha. No entanto, ela, por não saber do que se tratava, dizia: “caí na tinta preta”, ‘tomei muito café’, ‘comi muita jabuticaba’... E a menina já não sabia mais o que inventar. O que o coelho queria mesmo era ficar preto semelhante à menina, porém essa era uma realidade que jamais poderia acontecer, portanto, nunca conseguiu.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada para o desenvolvimento da narrativa em foco se deu através de uma pesquisa bibliográfica descritiva, buscando-se nos contextos e conceitos as melhores definições descritas por renomados autores, cujos pensamentos e ideias estão presentes nos mais variados textos literários que são específicos e inerentes dessa área. Para definir precisamente o que é uma pesquisa bibliográfica descritiva, por se tratar de uma questão que revela fatos fantasiosos e fictícios, Gil (2010, p. 29) assevera que toda pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador uma cobertura ilimitada de conhecimentos já adquiridos, pois o pesquisador jamais poderá se utilizar de fontes obsoletas ou inadequadas, no entanto, elas podem mudar o foco do resultado da pesquisa. Já os objetivos essenciais das pesquisas descritivas é a descrição das dos fatos ou fenômenos estudados. Por isso, uma pesquisa descritiva, normalmente é feita em forma de levantamentos ou observações sistemáticas, visando a descoberta da existência de associações entre variáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando da atividade de contar de histórias no ambiente escolar, observa-se que é uma ação pedagógica, cujo contexto pode se transformar em procedimentos para enriquecer o imaginário da criança, pois têm como objetivo geral contribuir para fortalecer, inovar através da prática docente de contar histórias, em que o contador se utiliza de diferentes recursos didáticos oferecidos pelos livros ou confeccionados manualmente pelos próprios profissionais, buscando a reutilização de alguns tipos de material que já foram descartados, mas que são úteis para criar personagens, cuja finalidade é incentivar o imaginário e o lúdico das crianças durante as atividades de contação de histórias em diversos espaços.

Num aspecto mais prático, o contador de histórias deve ser bastante criativo para encontrar bons textos, cujo contexto possa servir como um recurso estimulante, pois é facilmente perceptível que grande parte dos textos apresentados como coadjuvantes não trazem significados muito lógicos para a faixa etária da maior parte dos alunos. Tal fato se dá pela falta de vínculo prático com a realidade, bem como uma melhor compreensão por parte do aluno, pois ao contrário disso pode despertar nele uma profunda desmotivação para a leitura no ambiente escolar.

Nesse aspecto se faz necessário a figura do contador de histórias para estimular o aluno a ter credibilidade que a leitura é uma ferramenta necessária à formação do intelecto, do cognitivo e da formação do pensamento crítico para que no futuro a criança se torne um agente formador de novos leitores e/ou contadores.

ABSTRACT: when a school-age child listens to or reads a story, it enters a particular and charming universe. For this, it is necessary that the context exposes a narrative replete or not of surprises, mysteries and magic. For this, the context must present something that brings fun and teaching, as well as arousing the child's interest, can stimulate their curiosity and consequently their creativity. From the playful and playful interaction of the child in relation to the narrated story, there may also be a huge possibility that in a general aspect, they can elicit the formation of both good readers and excellent writers. By exploring the fantasy and imagination of a child through a story told by the teacher, a whole creative universe is instigated, as well as strengthening the interaction between the plot of the text, the characters, and the reader. Who, eagerly, does not remember the many stories read and heard as children? Of the countless stories told by some parents, at the foot of the bed before bed? Or that story told and interpreted by the teacher in the first grade of elementary school? However, it is necessary that the teacher uses this tool to stimulate the child's imagination and lead him to discover the beauty, fantasy and playfulness in a story. The act of storytelling can be a very relevant subterfuge for the formation of the child, guaranteeing, in this way, to improve the educational process from a perspective that values the construction of critical and reflexive subjects.

Key words: creativity; fantasy; imagination; ludic; formation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa /** Antonio Carlos Gil - 5. Ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita /** Ana Maria Machado - 9. Ed. - São Paulo: Ática, 2011.

SISTO, Celso. **O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê).** In: GIRARDELO, Gilka (org.). **Baús e chaves da narração de histórias.** Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.

VIGOTSKII, Lev; (Orgs) COLE Michael... (et al.). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 191p.